



Garças, capivaras, cágados e tilápias voltam a compor em maior número a paisagem do Lago Paranoá num sinal de que defesa da ecologia dá resultados. Águas são vigiadas por 16 policiais que se revezam a cada 24 horas

Mapa ajuda a Caesb a acompanhar semanalmente despoluição das águas. Polícia Florestal combate pesca predatória

DF - Lago Paranoá

O LAGO ESTÁ MAIS LIMPO

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

A medida que os tratamentos feitos pela Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb) vão sendo concluídos, o Lago Paranoá ganha um novo perfil e a fauna reaparece, enchendo de movimento a flora que margeia a água. Grupos de capivaras, jacarés e cágados voltaram a ser vistos com maior frequência no lago e a Polícia Militar Florestal faz diariamente rondas para evitar que pescadores e caçadores acabem com o que a natureza leva tempo para construir.

Inúmeras carpas, de até 15 quilos, tilápias rosadas, carás, tucunarés e bagres, de até 60 centímetros, deixam os policiais do pelotão lacustre satisfeitos com o trabalho que vêm desempenhando no lago. "Nosso sangue é diferente do san-

gue dos outros que é vermelho. Nosso sangue é verde", declara o tenente Marcos Machado, que chefia o pelotão.

Sangue verde foi a forma que ele encontrou de dizer que só entram para o grupo homens que tenham amor pela ecologia.

COMO TRABALHAM

Dezesseis policiais florestais tiram plantões de 24 horas em que percorrem de lancha o Lago Paranoá, a 30 quilômetros por hora. Vão atrás de homens, na maioria pobres e simples, que jogam redes e tarrafas dentro da água para aprisionar grande quantidade de peixes. É a chamada pesca predatória, proibida por lei, mas que movimenta diariamente dezenas de pescadores em torno do lago.

Pescar apenas com uma vara e isca não é proibido. O problema da rede e da tarrafa (de malha menor que a da rede) é que prendem até mesmo filhotes de peixes, interferindo no ciclo reprodutivo dos animais.

Os policiais também procuram caçadores que tentam matar jacarés, lontras e cágados para diversão ou para vender o couro e a carne.

Um convênio entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e a Polícia Militar, que deve ser assinado ainda este ano, permitirá — em breve — que multas pesem no bolso dos que prendem filhotes de peixes em redes de malha fina.

"Já foram vistos pequenos jacarés e tartarugas mortos porque se enroscaram no náilon", relata o tenente Machado.

PREDADOR

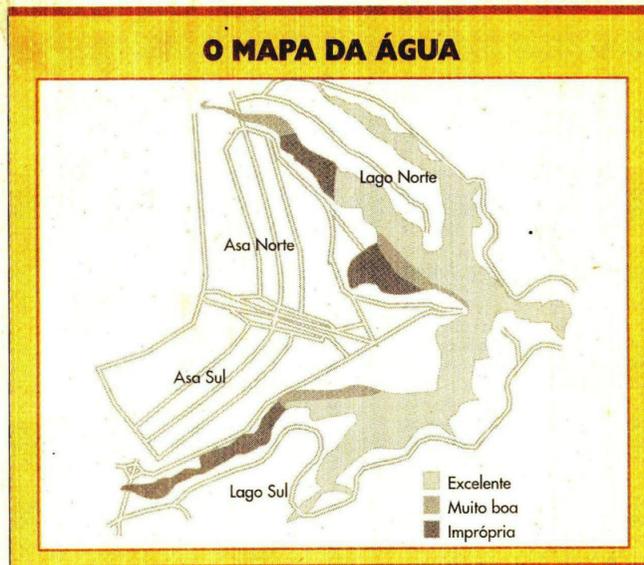
Quinta-feira passada, o sargento Romildo Joaquim David viu a aproximadamente 800 metros de distância as águas do Paranoá levantarem. Apostou no alvo e encontrou o pescador José Correia Bispo, 46 anos, batendo na água para os peixes fugirem em direção a uma rede de 200 metros que havia espalhado no lago.

"Olha como esse povo se arrisca!", exclamou impressionado o tenente Machado quando viu o tipo de canoa com que Bispo, que é sergipano, estava se embrenhando pelo Paranoá. Muito pequena, feita precariamente, a embarcação parecia querer afundar a qualquer momento.

Todo o material que estava com o pescador foi apreendido, bem como os peixes que se debatiam na rede e a canoa.

Desanimado, mas já acostumado com a rotina de ter o material apreendido e voltar para a atividade no dia seguinte, Bispo contou na frente dos policiais, sem a menor cerimônia, que quando arrumar dinheiro e outra rede voltará a pescar. "É meu único meio de sobrevivência", explicou.

Outros pescadores que estavam nas proximidades perceberam a atuação da polícia e desapareceram. Espertos, nem deixam mais as bóias



da rede à vista. Arrancam tudo e camuflam o náilon por entre as algas.

Um grupo de três homens que usava uma vara com molinete (carretel) foi abordado e mostrou a autorização do Ibama.

"Eles pagam uma taxa anual para o Ibama, na categoria embarcado ou desembarcado, e podem pescar 30 quilos de peixe mais um", conta o cabo Flávio de Souza Soares.

Otimista com a despoluição do Paranoá, Soares diz que é capaz de nadar até mesmo perto da usina de tra-

tamento da Caesb. "Só não nado lá dentro porque aí já é demais", brinca.

COBRAS PERIGOSAS

Nas lanchas, os policiais observaram perto da QI 16, que dois moradores estão jogando entulho, terra e grama nas margens do lago. Anotaram a posição das casas para voltar à tarde e fazer uma autuação junto a técnicos do Ibama.

Apontando pássaros como o Negro Mergulhão e a branquíssima garça eles trabalham e ao mesmo tempo se

divertem. De repente, uma região cheia de pequenas ilhotas surge com bentevis de peito amarelo. Um animal pequeno, provavelmente uma lontra, mergulha sumindo em meio ao barro da água.

Lendas, parecidas com as contadas por pescadores do rio São Francisco, dizem que cobras sucúris de mais de 10 metros de comprimento vigiam presas de dentro do Paranoá.

Pelas margens observa-se fezes e pegadas de capivaras, mas é à noite que elas surgem em bandos. Na escuridão, evitam os tiros de espingarda e visitam os jardins de moradores do Lago Sul.

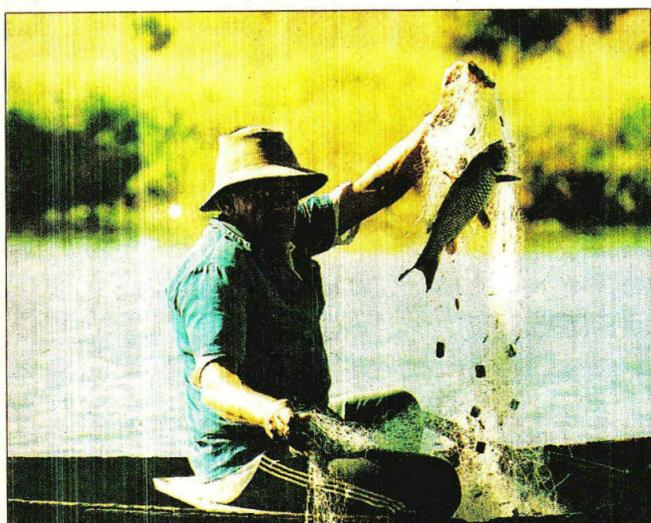
ÁGUA CLASSIFICADA

O presidente da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb), Marcos Montenegro, já tem um relatório da chefe de laboratório Eliane Barreto sobre a melhoria da qualidade de água do lago.

O relatório vem acompanhado por um Mapa de Balneabilidade com a medição da qualidade da água do lago.

O trabalho foi feito entre 2 de maio e 11 de junho. A qualidade da água para nado e outros esportes aquáticos é classificada como excelente, muito boa, satisfatória ou imprópria (veja gráfico).

"O mapa será refeito semanalmente para que se acompanhe a despoluição do Paranoá", avisa o diretor da Caesb, Antônio Costa Neto.



Combate a pescadores que usam redes e tarrafas será intensificado

QL 16 tem até jacarés e capivaras

O jornalista Antônio Carlos Scartezini mora há seis anos na QL 16 do Lago Sul, local privilegiado onde jacarés passeiam pelo quintal e capivaras aparecem por volta da 20h em grupos de cerca de 15 animais.

Scartezini é conhecido pelos guardas florestais do Pelotão Lacustre por suas constantes denúncias sobre caçadores e pescadores que aparecem com redes e tarrafas.

Ele vigia os próprios vizinhos que têm o hábito de jogar lixo, grama e entulho no Lago Paranoá.

"Saio com um saco de lixo para limpar as margens do lago. Tiro latas, papéis e garrafas, mas o mais in-

crível foi o dia em que resgatei uma cama de dentro da água", conta.

Segundo o jornalista, existe uma época do ano em que um de seus vizinhos mata filhotes de cães recém-nascidos, colocando-os em um saco de lixo que é jogado no lago para que os filhotes morram afogados. "Já tirei mais de uma vez o saco com filhotes de dentro da água", revela.

Scartezini também está desapontado com o número de capivaras que aparecem no seu terreno à noite. "Antes eram 36, agora são 16", conta. Dois jacarés também desapareceram sem deixar vestígios.

"É melhor não dizer que aqui têm tantos bichos porque atrai a atenção de caçadores", diz o defensor do verde.

Aliás, Scartezini fala com propriedade. Há pouco tempo desceu a escada de casa em direção ao Paranoá e encontrou cartuchos de balas 22 milímetros.

"Fiquei na dúvida se uma bala 22 milímetros mataria uma capivara", disse o jornalista para o tenente Marcos Machado, da Polícia Florestal. "Mata até onça pintada, quanto mais capivara", responde o militar.

Para que os "homens predadores" não acabem com os mamífe-

ros, répteis e peixes que vivem tão bem perto de sua casa, o jornalista monta guarda e avisa à polícia quando vê qualquer movimento. "Se os pescadores ficarem à vontade por aqui, pescando com redes, vão acabar com o resto da natureza", finaliza.

SERVIÇO

DENÚNCIAS

Para denunciar a pesca com redes ou tarrafas no Lago Paranoá, caça de animais silvestres, invasão de área pública, moradores que estão jogando entulho, grama ou lixo na água é só ligar para o 190, ou para o próprio Pelotão Lacustre, telefone 364-1647.